



Revista Symposium

A FILOSOFIA FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DO MUNDO ATUAL*

Alfredo de Oliveira Moraes**

Resumo: O presente texto trata da pertinência da análise filosófica no trato das questões suscitadas no mundo atual, traça um breve perfil da realidade atual e questiona os modelos atuais dos sistemas de educação, identificando as características negativas principais comuns e aponta a retomada da perspectiva ética para equacionar os problemas atuais, desde a visão de mundo contemporânea nascida das contribuições da ciência.

Palavras-chave: globalização, supressão, paradigmas, ética.

Abstract: The present text deals with the pertinence of philosophical analysis in relation to issues of the modern world. It also draws a profile of present reality and questions modern standards of educational systems, identifying the main common negative characteristics. It suggests the re-adoption of the ethical perspective to solve present problems starting with the contemporary worldview originated from scientific contributions.

* Texto apresentado originalmente no 5º Congresso Nacional de Filosofia UNIVA, Guadalajara, México.

** Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UNICAP, doutorando de Filosofia UFGRS.

Key words: Globalization, supra-assumption, paradigms, ethics.

A filosofia é um convite à ousadia, somos todos desafiados a dela participar com o nosso contributo para construir o inacabável, para apreender e expor, nos domínios do conceito, a dinâmica e a verdade do real. Contudo, nossos problemas começam tão logo perguntamos: o que é o real no mundo atual? Poderemos compreender o real como mundo, mas, então, o que é propriamente o mundo?

Do mundo pode-se dizer que é, desde a perspectiva humana, uma totalidade dinâmica de significados e sentidos que, num movimento dialético, é uma construção do homem e, simultaneamente, construtor do homem mesmo. Isso implica que, para uma compreensão do mundo, há que se compreender o homem, o fenômeno humano em sua ampla complexidade, nas suas múltiplas dimensões: religiosa, política, social, científica, tecnológica, ou seja, cultural em toda a acepção da palavra.

Na atualidade, há uma crise que perpassa tudo o que é humano, ou seja, a crise de paradigmas que, sem dúvida, é o signo mais forte deste século que chega ao seu final; jamais a humanidade logrou tantos progressos, não há século mais pleno de realizações na história da humanidade quanto o atual e, no entanto, jamais tivemos igual quantidade de desgraças.

A crise de paradigmas que hoje temos presente não é somente um sintoma de desequilíbrios conjunturais, mas reveladora da transição estrutural da 'sociedade industrial' para a 'sociedade da informação'. Este século que termina se iniciou com transições conceituais do mundo da *physis* que só agora marcam sua presença no *ethos*, quer dizer, somente agora, por exemplo, as conquistas da ciência, tais como a divisão do átomo que produziu a bomba, passam a ser, em verdade, uma preocupação do homem, ou ainda, questões como as da biocibernética assumem uma dimensão ética.

O mundo atual está, sobretudo e acentuada-



mente, sob o impacto do fenômeno definidor que é a globalização, este fenômeno que transforma o mundo numa 'aldeia global', se, por um lado, favorece a que, por exemplo, os acontecimentos, os progressos científico-tecnológicos e as questões dos direitos humanos sejam muito rapidamente universalizadas, assim como, as preocupações ecológicas e o intercâmbio cultural entre os povos alcancem proporções mundiais; por outro lado, tem representado, enquanto globalização do capital econômico-financeiro, um incremento considerável na desigualdade da distribuição da riqueza, e, além do mais, tal fenômeno tem sido intensificado em seus efeitos, por fatores tais como:

- a) o esgotamento da 'utopia da sociedade do trabalho' e a conseqüente emergência da 'sociedade do predomínio tecnológico e das forças econômico-financeiras', ou da 'sociedade da informação';
- b) o reordenamento das forças econômico-financeiras nos blocos supranacionais de interesses convergentes (nafta, mercosul, união européia etc.): a nação que não se inserir nesta 'nova ordem' provavelmente é alto, poderá sucumbir ao jogo de forças operativas e interarticuladas do mecanismo de sustentação do mercado;
- c) a deslegitimação do Estado Nacional, que está tendente a desaparecer como modelo histórico, pondo-se em seu lugar o Estado detentor da informação qualitativamente significativa, não só científico-tecnológica, mas e sobretudo, de provisão e gestão de mercado. Esse novo Estado que surge caracteriza-se, de modo geral, por uma diluição das suas fronteiras de autonomia;
- d) a formação dos grupos financeiros (fusão de bancos-empresas) fortes que se apropriam da produção e do mercado de bens de consumo, livres da regulamentação dos Estados e geridos por agentes anônimos, cujo perfil vai desde micro aos mega-acionistas, criando a figura do 'inimigo difuso' que tem apresentado uma maior dificuldade para uma ação efetiva contra seus feitos e efeitos nefastos à melhoria da qualidade de vida da humanidade como um todo;
- e) a eliminação progressiva de postos de trabalho, operada para revolução tecnológica, que gera a marginalização dos operários e até mesmo a de profissões, em razão da substituição através da automação do processo industrial, e também, por ter tornado obsoleta a formação profissional de uma grande parte da população economicamente ativa (altos índices de desemprego em países como a Alemanha, França entre outros e desvalorização do salário dos operários nos países não-desenvolvidos), provocando um crescimento da miséria global.

Em um tal cenário, como pode a filosofia atuar? Ou ainda, o que tem a filosofia a dizer ao homem contemporâneo, em meio a essa crise, ela própria também em crise? Além do mais, qual é a validade ou a legitimidade do discurso filosófico numa sociedade que absolutiza a autoridade autoritária da ciência tecnológica? Como responder adequadamente frente a uma sociedade que tem como prioridade o saber mais, para ter mais e não o 'saber mais para ser mais'?

A filosofia ocidental, desde sua origem na Grécia, tem sido uma tentativa de responder às exigências de cada tempo histórico, porém sua resposta é uma crítica que cinde e dilacera, ao mesmo tempo em que desvela, o domínio humano do mundo; a tarefa precípua da filosofia não tem sido a de trazer soluções aos problemas, mas a de revelar-lhes a existência, ali onde eles estão ocultos. Marx escreveu em sua 11ª tese sobre "feuerbach" que "os filósofos não têm feito mais que interpretar de diversos modos o mundo, porém do que se trata é de transformá-lo", no entanto, é necessário ter em conta que não se pode pretender transformar o mundo sem conhecê-lo ou, o que é o mesmo, sem interpretá-lo, sob pena de ao transformá-lo, simplesmente, pervertê-lo em algo ainda pior. Portanto, é urgente fazer frente ao ativismo sem sentido que dá prioridade ao ter, assim como ao

agir impensado que imagina que o fazer científico-tecnológico é um fim em si mesmo.

Todo esse quadro de referências, que temos tentado descrever até agora, aponta para a necessidade de repropor a questão ética, não como uma atitude de moralismo quixotesco ou mesmo institucional, com uma apelação sentimentalista ou ameaças apocalípticas, mas tomando como ponto de partida o princípio de que o objetivo da ética é menos o de promover uma boa conduta e mais o de tornar melhor a vida; compreendendo que isso significa algo mais que desenvolver a capacidade para fazer valorações e ter atos éticos, assim como um restringir-se a obter das pessoas atitudes subordinadas às normas e leis impostas pela força do direito ou, ainda pior, pelo direito da força.

Em verdade, o que queremos dizer é que o mundo ético não se afirma a partir da heteronomia dos imperativos normativos de convivência social, mas, justamente ao contrário, são os ditos e interditos normativos que devem expressar as revelações evolutivas do ser do homem. É de todos sabido que cada um tem seu agir ético determinado a partir de uma moldura de referência espiritual de premissas e imagens constitutivas da visão de mundo, fundada na revelação ontológica de sua existência e no conflito contínuo e desvelador com os valores incrustados pela tradição, cuja reminiscência aponta para uma época cuja heteronomia moral era necessária.

Com efeito, esta é a razão pela qual se pode dizer que os valores que consubstanciam o mundo ético têm uma gama profunda e ampla, e sua raiz entranha-se na origem do próprio universo e vida do homem, em cada nova viragem evolutiva o mundo ético experimenta e adquire novos padrões de valores que, não simplesmente, adicionam-se aos valores já estabelecidos, mas que suprassumem (negam, conservam e elevam) o quadro estrutural e conceitual dos paradigmas que orientam as ações humanas em sua busca infinda do ser si mesmo e do desvelar o ser, enquanto verdade do que é.

Pois bem, num passado recente (um pouco

antes de Planck e Einstein, por exemplo) o universo era compreendido a partir de absolutos de espaço e tempo, regularidade e certeza e, por conseguinte, oferecia inspirações de compreensão ética fundadas no dualismo do que é correto e do que é errado (bem e mal); contudo, a compreensão que hoje temos do universo desautoriza as reduções do maniqueísmo e passa a infundir a aceitação de uma multiplicidade de perspectivas unificadas pelo valor, ou dito de outro modo, pela primazia do invisível - que se pode traduzir nas relações ecológicas multiformes, abandonando o princípio de que o homem dispõe da natureza como um senhor de escravos, para assumir o princípio de que o homem está frente à natureza como o 'dono da casa', quer dizer, aquele que é co-responsável pelo cuidado, pela busca de levar à plenitude todas as potencialidades dispersas.

Uma olhada de conjunto sobre o que temos vindo considerando já parece indicar que a filosofia tem ainda muito a dizer, ou melhor, a filosofia está sendo convocada a assumir uma tarefa que é somente sua, ou seja, a de reconduzir - desde a perspectiva de universalidade que lhe é própria - o homem ao caminho da conquista de sua totalidade, de fazer surgir nele, com força de realização, o desejo de recompor sua totalidade fragmentada, de reassumir para si a primazia de ser o único ente que tem a capacidade de encontrar um fim em si mesmo, capaz do discurso portador e desvelador do *logos*.

A filosofia terá de encontrar meios para fazer ver ao homem contemporâneo que a realização das potencialidades virtuais de uma cidadania plena passa, necessariamente, por uma relação de reconhecimento do outro que, não somente ultrapasse todos os limites atuais, mas que possa redimensionar a idéia de liberdade numa vivência na qual se possa compreender que a liberdade substancial de alguém começa ali onde este reconhece a de um outro; e assim, a alteridade polimorfa que conquista lenta e gradualmente o cenário histórico - com o fim dos macrossujeitos (grandes blocos ideológicos) marcado pela queda do muro de Berlim, numa revivência alegórica da 'queda da



bastilha' - pode vir a deixar de ser um impeditivo às conquistas coletivas e se transfigurar nos múltiplos sujeitos históricos atuais em fundamento de uma nova ordem mundial que, certamente, irá implicar, de um lado, a refundação dos paradigmas e, de outro lado, a revitalização das energias utópicas.

Para a refundação dos paradigmas, assim nos parece, há de se considerar a necessidade de uma profunda rearticulação das estruturas ôntico-ontológicas do indivíduo, tal que eleve à sua consciência a certeza de verdade da condição que é a sua de *ser-no-mundo*, tendo como exigência o repropor para si mesmo a questão teleológica de seu *agir-no-mundo*, quiçá, começando por reconverter a ciência e a tecnologia em meios de efetivação da melhoria universal da condição humana.

Para a revitalização das energias utópicas, possivelmente, ter-se-á de começar pela recentração do sujeito em si mesmo, para permitir que a vontade subjetiva logre seu situar-se autônomo e participativo no núcleo dos múltiplos sujeitos coletivos que surgem como meios de um agir interativo determinado pela solidariedade. Já podemos assinalar que, na realidade atual, contamos com uma grande quantidade de microssujeitos históricos (ONG's, organizações comunitárias) cuja ação tem transformado com efetividade suas respectivas realidades, gerando uma melhoria significativa na qualidade de vida; esses organismos, de modo geral, foram criados e são mantidos por pessoas que se libertaram das dominações estruturais dos sistemas sociopolíticos e, ainda que submetidas às dominações epifenomênicas, recuperaram a capacidade de recentração, encontrando em si mesmas uma razão pela qual se dispõem a lutar para transformar o mundo para melhor, no sentido da implementação da melhoria da qualidade de vida universal.

Pois bem, no momento em que a 'sociedade industrial' agoniza no anúncio do fim da 'utopia da sociedade do trabalho' e faz desmoronar junto com ela uma ontologia que costumava afirmar a matéria como fundamento e constitutivo único da

realidade, surge ante nossos olhos um mundo no qual a entropia da matéria cede seu posto à neguentropia dos sistemas de informação; desse modo, onde antes imperava opacidade, sigilo e isolamento se põe cada vez mais a transparência, a comunicação global e a partilha como exigências, não mais de um intelectualismo ilustrado, mas da condição de possibilidade de uma existência digna.

A nova ontologia a ser apreendida do real e posta no discurso filosófico comunicativo, talvez, tenha que começar por recuperar o projeto da nova metafísica, já anunciado por Descartes, que tem como premissa a assertiva 'do conhecer ao ser a consequência é boa'; uma vez que já temos presente a certeza de que o Conhecimento, no terceiro milênio que se avizinha, será o único bem pelo qual tudo poderá ser obtido, ou melhor, o *quantum de conhecimento* significativo que se possa deter haverá de determinar diretamente a qualidade de vida de que se poderá usufruir. Só conhecendo a verdade é que a Verdade libertará, não para a morte ou para o vazio nada, mas para a Vida e a vida em plenitude é ser que se torna pleno.

Desde essa perspectiva é que situamos a necessidade de repropor a questão ética, pois o conjunto de valores que orientam nossa ação no mundo, no presente, deve ser interrogado a partir da crítica radical dos falsos valores que alimentam e se alimentam da sociedade de consumo que, sob a face do neoliberalismo, tem a pretensão de ser o último paradigma, ao incutir uma cultura de um ter sem limites, como negação da busca pela plenitude do ser. E, simultaneamente, é necessário implementar uma escuta atenta ao *ethos* contemporâneo para descobrir nele os valores emergentes que dignificam a caminhada evolutiva da humanidade.

No contexto de uma tentativa de reversão do quadro atual no sentido de afirmação da vida em sua plenitude, a educação é de importância ímpar e substancial, e aí o desafio parece ser maior, pois os sistemas de educação têm-se especializado, até agora, em formar os jovens para:

- a) uma erudição vazia que se caracteriza por um saber ornamental;
- b) uma instrumentalização técnica que os transforma em máquinas de produção de custo mínimo e de fácil reposição;
- c) uma cultura sem capacidade de crítica que enaltece um não-pensar e uma obediência cega aos preceitos do consumo;
- d) uma perda da dimensão de profundidade autêntica (dimensão religiosa de transcendência), a qual abstrai do homem o sentido de sua existência teleológica e o faz submergir no vórtice da imediatez do cotidiano, impondo-lhe um viver sem razão, de tal modo que a própria vida é destituída de valor e sua violação vulgariza-se exposta na violência que se incorpora à paisagem.

E se concordamos que já é chegado o tempo de não mais fazermos referência à democracia, tão somente, como um valor ou uma meta a ser alcançada pela sociedade, é preciso fazer algo. Mas não há possibilidade de, ao menos, começar a implementar uma democracia que tenha o cidadão como seu centro de gravidade sem antes converter os sistemas educacionais dessa fonte de horrores à qual fizemos alusão, numa fonte de promoção da vida, da cidadania, da difusão de um saber gerador de justiça social e de uma convivência interativa e preservadora entre o homem e a natureza, que possa ser estímulo ao desenvolvimento das potencialidades humanas para conduzir à fraternidade, à paz e a uma vivência cotidiana com intensidade de nossa dimensão de profundidade autêntica.

À Filosofia, portanto, cabe desde já e antes de mais nada uma dupla tarefa: a) de pensar a si mesma tendo como referência o legado histórico, o mundo atual e seus horizontes tendenciais; e b) de ter de novo seu lugar no sistema educacional, reinventando a Paidéia - educação do homem todo e de todos os homens - para lançar-se ao diálogo com as ciências particulares e a tecnologia, tendo como fim redimensionar a relação do homem consigo mesmo, com os outros e com a natureza.

A história não se repete, no entanto, há textos acerca de momentos históricos que às vezes recuperam, no transcurso do tempo, a verdade do momento no qual foram enunciados; esse parece ser o caso desta passagem da Fenomenologia do Espírito, de Hegel, neste momento, ao aproximar-se o terceiro milênio:

“Aliás, não é difícil ver que o nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. O espírito rompeu com o mundo de seu ser aí e de seu representar, que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua própria transformação. Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente. Na criança, depois de um longo período de nutrição tranqüila, a primeira respiração - um salto qualitativo - interrompe o lento processo do puro crescimento quantitativo; e a criança está nascida. Do mesmo modo, o espírito que se forma lentamente, tranqüilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. Seu abalo se revela apenas por sintomas isolados; a frivolidade e o tédio que invadem o que ainda subsiste, o pressentimento vago de um desconhecido são os sinais precursores, de algo diverso que se avizinha. Esse desmoronar-se gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo.”¹

Resta-nos indagar, contudo, se nós, filósofos, temos o desejo de mudar as coisas para assumir as tarefas da Filosofia na atualidade, ou ainda, o que é o mesmo - como está nosso compromisso com a Verdade, no momento em que um clarão anuncia a imagem de um novo milênio?

NOTAS

¹ Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Pe. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 26.

